



**CENTRO DE HUMANIDADES – “OSMAR DE AQUINO”
CAMPUS III - GUARABIRA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

THAÍS SILVA ARAÚJO

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA E O ENSINO DE
HISTÓRIA**

**GUARABIRA-PB
FEVEREIRO/2014**

THAÍS SILVA ARAÚJO

**A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA E O ENSINO DE
HISTÓRIA**

Relatório de estágio como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História, sob a orientação da Professora Ms. Simone Joaquim Cavalcante.

Orientadora: Profa. Ms.Simone Joaquim Cavalcante

Guarabira-PB
Fevereiro/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658p Araújo, Thais Silva

A prática pedagógica em sala de aula e o ensino de história
[manuscrito] : / Thais Silva Araújo. - 2014.
47 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.
"Orientação: Simone Joaquim Cavalcante, Departamento de
História".

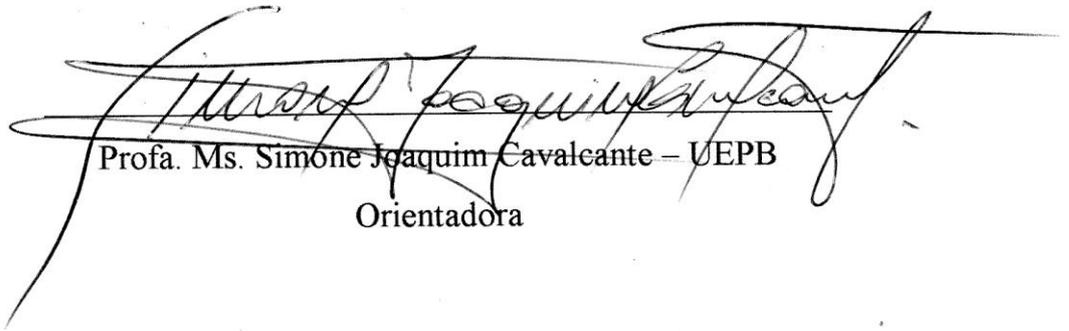
1. Ensino de História. 2. Prática Pedagógica. 3. Formação
Docente. I. Título.

21. ed. CDD 371.12

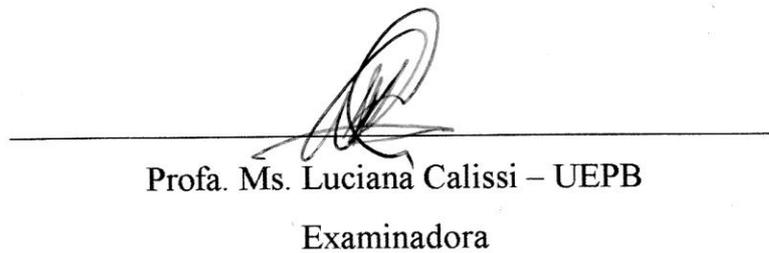
THAÍS SILVA ARAÚJO

A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA E O ENSINO DE HISTÓRIA

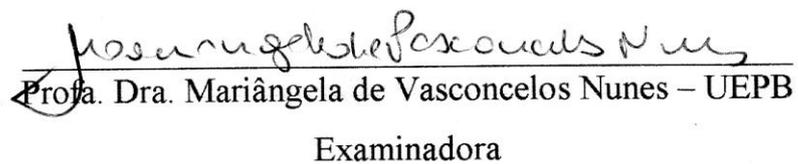
Aprovado em: 27/02/2014



Prof. Ms. Simone Joaquim Cavalcante – UEPB
Orientadora



Prof. Ms. Luciana Calissi – UEPB
Examinadora



Prof. Dra. Mariângela de Vasconcelos Nunes – UEPB
Examinadora

**GUARABIRA-PB
FEVEREIRO/2014**

Aos que se deram incessantemente, de todo, a mim.

Meu reconhecimento e agradecimento a toda minha família.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida, e me dar fé e perseverança para vencer os obstáculos.

À minha família pela dedicação e incentivo nessa fase do meu curso de graduação e durante toda minha vida.

Aos Professores e Professoras, aos colegas que colaboraram com as diversas discussões sobre a prática docente, principalmente as minhas amigas Rita de Cássia e Fabiana, pela presença e companheirismo constante durante toda essa fase, me ouvindo e me ajudando a buscar soluções para a prática docente.

Aos professores, que dedicaram seu tempo, aceitando meu convite para fazer parte da banca examinadora do meu trabalho com muito carinho.

À minha orientadora Profª. Ms. Simone Cavalcante, que desempenhou um importante papel na construção deste trabalho.

À minha banca as professoras Luciana Calissi e Mariângela de Vasconcelos Nunes, que prontamente aceitaram fazer parte desse momento tão importante em minha vida, contribuindo e enriquecendo com seus conhecimentos.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização deste trabalho.

“Quem ensina, aprende ao ensinar, e quem aprende, ensina ao aprender.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar e refletir sobre a prática pedagógica do Ensino de História na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof. José Soares de Carvalho, por meio das aulas de estágio. Tendo como base o relatório e as observações, construídas durante o estágio, assim refletimos a partir de alguns autores, tais como: Regina Guarnieri (2005), Paulo Freire (1996), Jacques Le Goff (1990), que darão suporte teórico, na construção desse trabalho. Inicialmente relatarei as minhas memórias como estudante até a formação docente e, posteriormente a experiência enquanto docente. No decorrer deste trabalho, relatarei as dificuldades do docente em sala de aula, reforçando a ideia de que o docente precisa buscar práticas metodológicas, que auxiliem os alunos no processo de ensino aprendizagem, muitas vezes aulas nos “métodos tradicionalistas” não ajudam os alunos no aprendizado, os quais precisam de métodos mais inovadores, aulas mais dinâmicas, que ajude-os a absorver melhor o conteúdo repassado em sala de aula. Toda essa busca por novos métodos só é possível dialogando com os alunos, onde poderão surgir discussões relevantes que vão envolvendo os alunos nesse contexto de transformação educacional. Portanto, nossa análise aqui exposta busca refletir sobre a qualificação da prática do ensino de História na sala de aula.

Palavras-chave: Ensino de História; Prática Pedagógica; Estágio; Formação Docente.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 MINHAS MEMÓRIAS.....	11
3 O UNIVERSO ESCOLAR.....	16
3.1 A sala de Aula.....	17
4 A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA E O ENSINO	18
HISTÓRIA.....	
5 OUTRAS PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA.....	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
FONTES E REFERÊNCIAS.....	31
APÊNDICE.....	32

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01 – Vista parcial da frente da Escola.....	16
Foto 02 – Alunos e Alunas da Escola na primeira aula.....	17
Foto 03– Documentário sobre a fundação de Roma.....	21
Foto 04 – Modelo de marcador de páginas entregue aos alunos e alunas.....	24

1 INTRODUÇÃO

Este relatório é o resultado do Estágio Supervisionado II realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof^o José Soares de Carvalho, no período entre Julho e Agosto de 2013 no 1º ano “E” do Ensino Médio. As atividades realizadas e as metodologias utilizadas na turma durante a nossa docência foram efetuadas e desenvolvidas para um melhor aproveitamento do tempo. Nesta direção trago minhas percepções com relação a minha experiência como estagiária, de modo que também aponto algumas reflexões sobre problemas relacionados à prática do Ensino de História, abordando uma reflexão sobre o Ensino de História, bem como, o uso da tecnologia nas aulas como recurso metodológico para auxiliar outras leituras e percepções que não se restringem apenas ao livro didático.

O Ensino de História vem passando por consideráveis mudanças, com relação à compreensão tradicionalista, que a história voltasse apenas ao passado; e isso vem sendo mostrado de forma diferente no que diz respeito ao Ensino de História, sobre isso, Le Goff nos diz que segundo Marc Bloch, “As relações que o passado e o presente entretecem ao longo da história. Considerava que a história não só deve permitir compreender o ‘presente pelo passado’- atitude tradicional – mas também compreender o ‘passado pelo presente’” (LE GOFF, 1924, p. 24). Então hoje no Ensino de História, passado e presente devem estar interligados, de forma que um complete o sentido do outro. Dessa forma, os desafios do Ensino de História relacionam-se frequentemente a metodologia, a falta de interesse dos alunos, as aulas enfadonhas e a ausência de planejamentos criativos que envolvam alunos e alunas nas discussões sobre o conhecimento histórico já que muitas vezes o ensino é precário e tedioso, fazendo com que os alunos rejeitem esse conhecimento.

A disciplina de História é muito importante, pois permite diferentes situações de aprendizagem, que envolvam desde observação, registros e até formulação de hipóteses, ênfase aqui que, é essencial, pois tem o papel de trabalhar a curiosidade do aluno estimulando-o ao raciocínio e a criatividade na formação de cidadãos críticos construindo e reconstruindo saberes necessários ao seu cotidiano para que o aluno tenha a capacidade de fazer uma leitura do mundo que o cerca.

A palavra História segundo Le Goff possui vários significados, e entre eles está o que ela significa para Herodóto considerado “o pai da História”, assim: “Historie significa, pois

‘procurar’. É este o sentido da palavra em Heródoto, no início das suas Histórias, que são ‘investigações’, ‘procuras’.” (LE GOFF, 1924 p. 18). E é nesse sentido que vai se construindo a importância da História no âmbito social; na forma de ensinar aos alunos(as), a busca da construção do saber histórico e não apenas aprender aquilo que já foi construído historicamente.

2 MINHAS MEMÓRIAS

Entrei para o universo escolar no ano de 1994 aos 3 anos e 10 meses na Escola Municipal “Prefeito Eptácio Dantas”, embora, não fosse comum uma escola pública aceitar uma criança com tal faixa etária para o chamado pré-escolar, a direção escolar permitiu que eu frequentasse as aulas, mas, naquele momento não podia efetuar minha matrícula devido a minha idade, assim, fui aceita como aluna “ouvinte”, ou seja, naquele ano não seria cobrado nada de mim. Minha fascinação pelo universo escolar ocorreu de tal forma que para estudar aceitei encarar a câmera fotográfica para tirar a foto 3x4 para a ficha de matrícula, é incomum encontrar uma criança que fuja das câmeras, no entanto, eu fugia! Porém, meu desejo de estudar era maior que o pânico que eu possuía por fotógrafos, esse era o meu primeiro desafio no universo escolar: tirar uma foto, mas superei e consegui tirar a foto, mesmo com o rosto de choro e um olhar de desespero.

Das lembranças que eu tenho desse período, trago especialmente as minhas professoras as quais eu chamava-as de “tias”. Estudei à tarde nesse meu primeiro ano escolar e quando eu chegava à escola as minhas professoras falavam “chegou Thaís e os seus botões” pelo fato de que na maioria das vezes eu ia vestida com macacões de botões de pressão, daí quando eu precisava ir ao banheiro era aquele corre-corre. Desse primeiro ano escolar as lembranças são vagas, mas lembro dessa fase recordando através de algumas fotos, cheiros e às vezes sabores os quais os identifico como sabor da minha infância. Aprender meu nome foi o ápice para mim, embora não fosse cobrada com relação às atividades do desenvolvimento psicomotor eu me esforçava e me empenhava para aprender, pois sentia necessidade; toda e qualquer oportunidade lá estava eu com o giz na mão a fazer rabiscos no quadro-negro, em casa era nas paredes, no chão em livros e cadernos velhos, sempre escrevendo meu nome, embora com letras enormes e tortas, mas estava feliz me sentia realizada, já não fazia mais rabiscos escrevia meu nome em todo e qualquer lugar, e mesmo estando apenas como ouvinte na sala de aula desenvolvia todas as habilidades necessárias para ser aprovada para a Alfabetização.

Da Alfabetização (atual 1º ano) até a 8ª série (atual 9º ano) foi na Escola Estadual de Ensino Fundamental “Luiz Maria de França” escola cuja qual é conhecida popularmente por “Dragão”. Instituição a qual admiro pela qualidade do ensino e por ter sido através desse

universo que se abria para mim que descobri a cada dia novas possibilidades, novos horizontes.

Em 1995 lá estava eu toda padronizada (saia de pregas, blusa de botão, sapatinhos pretos e meias brancas) na alfabetização ansiosa para estudar e aprender a ler, não compreendia que todo mundo sabia ler e eu não, novamente fui estudar como ouvinte. Passei a estudar pela manhã. Minha professora dessa série foi minha professora nos próximos três anos, alfabetização, 1ª série e 2ª série, é incrível como os professores da series iniciais são denominados tios/tias, tal concepção deve estar relacionado ao fato que possibilita a criança a adquirir confiança, relacionando assim uma familiaridade e estendendo-se o grau de parentescos para que a criança sintasse acolhida, boas recordações trago comigo dela, sua metodologia ao ensinar me encantava, creio que involuntariamente ela tenha despertado em mim ainda criança o sonho de ser uma docente e contribuir com a prática educativa, meus colegas de classe seria minha outra família, pois estudaríamos juntos no decorrer dos próximos anos. Na alfabetização aprendi a ler e a escrever como é fascinante aprender. Ela sorria, brincava, falava sério. Eu sempre fui uma aluna, que gostava de conversar nas aulas. Quando criança ninguém em sala de aula mexia comigo, devido ao meu temperamento agressivo, estava tranquila até que algum coleguinha viesse mexer comigo. No decorrer desses três anos ela me ensinou, me educou e ensinou valores.

Na 3ª série foi o ano da mudança uma nova professora iria ensinar na minha turma, para mim naquele momento foi muito difícil, mesmo estando com a mesma turminha, a mudança de professora abalou meu psicológico, toda e qualquer ação da nova professora, sempre a comparava a professora anterior.

Quando fui aprovada para a 4ª série fiquei muito feliz, pois iria estudar com uma professora que eu gostava bastante dela, nessa nova série entraram novos alunos vindos de outras escolas para a minha turma, de aproximadamente 30 alunos ela passou a ter para 42 alunos, sempre me lembro de quantos alunos tinham na sala, pois ao passar dos anos à quantidade de alunos na sala ia aumentando e o meu numero da chamada do Diário de Classe ia só aumentando sempre estava entre os últimos. Foi nesse ano que me deram meu único

apelido da fase escolar “pequinês”, eu era a menor da turma e a mais brava também, todos na sala possuíam um apelido, eu não considerava como bullying¹ aquela situação.

Ao chegar na 5ª série estava em um ambiente totalmente novo embora estivesse na mesma escola, professores por disciplina, estudar inglês e já não ir acompanhada por um responsável no primeiro dia de aula. As aulas de Geografia e História passaram a ser dadas separadamente e eu passei distingui-las e me fascinei por História a professora ensinava de uma forma tão espontânea que eu já ficava esperando a próxima aula.

Quando cheguei na 6ª série logo de início minhas médias não foram boas estava com dificuldade de aprendizagem, nesse período deu um surto de Bexiga e eu fui contaminada e com isso fiquei mais de um mês em casa e quando voltei à sala de aula não consegui acompanhar e reprovei, foi horrível ver se separar da turma que eu estudava há sete anos. Repetir de série é horrível não foi uma boa experiência, no entanto fiz novas amizades e me concentrei a estudar para que não voltasse a ficar reprovada.

Estudar a 7ª série para mim foi uma das melhores experiências escolar, passei a estudar no turno da tarde, apresentei meu primeiro seminário que foi realizado pelo meu professor de História. Eu gostava do modo como ele transcorria suas aulas, algumas vezes eu não compreendia suas fundamentações baseadas no marxismo, naquele ano discutia-se bastante a guerra entre Estados Unidos e Iraque todos os alunos da escola inclusive eu, tinha algo com a bandeira dos Estados Unidos, foi neste ano também que tive contato com o descaso que muitas vezes existe com o professor(a) brasileiro salários atrasados e a falta de professor em determinadas disciplinas. Meu grande terror dessa série era fazer prova de Geografia que o professor costumava fazer oralmente, eu sempre me desesperava todos se calam para ouvir você falar, o medo de errar e essa situação me aterrorizavam.

Quando cheguei na 8ª série fui dispensada das aulas práticas de Educação Física embora eu gostasse e praticasse esportes, no entanto as atividades físicas ocorriam em horário oposto e eu precisava cuidar do meu avô que sofreu um AVC e paralisou todo o seu lado direito, pois minha Vó era professora e trabalhava durante a manhã, a professora de Educação Física compreendeu minha situação, ela era também a fisioterapeuta do meu avô, o que melhor ocorreu neste ano foi voltar a estudar com uma professora que antes chamava de “tia”

¹Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

e ela seria a minha professora de História, a professora Anália já não a via como minha “tia”, sentia-me amadurecida. Eu relembro de quanto tempo tinha passado desde 1995 e foi muito gratificante, ter ela como minha professora no meu último ano estudando naquela Instituição.

Em 2005 fui estudar em Sapé na Escola Normal Estadual Cassiano Ribeiro Coutinho conhecido como “Magistério” estava dando início a minha escolha por ser uma docente e essa minha escolha esta diretamente relacionada aos bons profissionais que tive na minha formação inicial e dentro da minha casa. Ao escolher o Magistério você passa em quatro anos por muitos desafios, ou seja, estagiar e conhecer o outro e toda essa situação me proporcionou inúmeras mudanças, ser sociável e a valorização do outro foi algumas delas, nesse novo ambiente escolar fiz novas amizades, formei novas opiniões, reformulei alguns conceitos. Estudar o numa Escola Normal assemelha-se ao Ensino Médio com algumas diferenciações na grade curricular direcionada a prática docente.

No 1º ano ainda estava distante de conhecer a prática docente, gostava das aulas de Física e Filosofia da Educação e as aulas de História não fazia parte do meu preferencial. O estágio nesse primeiro momento foi pesquisar sobre a estrutura física e administrativa da escola, suas dependências e como toda a sua estrutura funciona, nesse momento se tem um contato diferente que até então se tinha apenas como aluna, uma nova perspectiva se forma, a escola como um espaço de trabalho.

No 2º ano tornaram-se perceptíveis para mim os desafios de trabalhar com a educação, neste período o estágio foi de observação na sala de aula e uma regência e na escola campo senti o descaso de como a educação é vista por algumas instituições, instituições essas que sua principal característica seria zelar pelo bem de todos, educação. Chegar no 3º ano do magistério foram momentos de novas experiências, o estágio foi apenas de regência foram duas semanas, de novas experiências.

Quando cheguei ao 4º e último ano de magistério me sentia apta a enfrentar os desafios da docência esse período foi o mais puxado, pois, foram quatro meses de estágio diários e uma rotina que era conciliada entre aulas, estágios e elaboração do TCC que deveria ser defendido ao termino do curso e ainda estudar para o vestibular.

Fiz o vestibular para História, e passei. Entrei para a Universidade com o discurso que passei minha vida colegial ouvindo “História é a ciência que estuda o passado” e nas primeiras aulas, comecei a desconstruir a visão da História como uma ciência dada e morta.

Nas primeiras semanas pensei em desistir, eu falava a todo instante que não iria conseguir um turbilhão de informações vagavam por minha mente e tinha medo de passara não gostar de História, até fiz inscrição para o vestibular novamente, pois estudar História estava sendo totalmente diferente do que eu imaginava e conhecia até então, daí fiz vestibular para Zootecnia e fui classificada, no entanto não fui cursar, pois passado o susto inicial percebi que estudar História foi a minha melhor escolha. E aqui estou eu mais um ciclo da minha vida que se completa e quando me perguntam se estudo, respondo: Faço História por paixão e escolha. Antes que osem me perguntar se foi falta de opção para que eu me decidisse fazer um curso de Licenciatura.

3 O UNIVERSO ESCOLAR

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Prof^o José Soares de Carvalho esta localizada na Rua Henrique Pacífico, 45 no bairro Belo Vista. A escola possui uma ampla estrutura física de 49 salas. Ela funciona nos três turnos com as séries do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e da EJA (Educação de Jovens e Adultos) no turno da noite. A escola conta com recursos em multimídia modernos e materiais pedagógicos como: sala de vídeo, laboratório de informática (equipado com 20 computadores destinados a pesquisa ou aulas extraclasse), biblioteca com um bom acervo de livros e revistas educativas, ginásio de esportes que é utilizado para práticas esportiva dos alunos, Data show, aparelhos eletrônicos como: TV e DVD. Atualmente atende aproximadamente 2.000 alunos divididos nos três turnos. A escola possui uma cantina arejada, pátio com espaço amplo, um bebedouro e algumas mesas para que os alunos possam lanchar ou apenas sentar para conversar.



Foto 01: Vista parcial da frente da Escola
Fonte: Arquivo da autora, Thaís Silva Araújo, (2013).

3.1 A SALA DE AULA

No registro do diário de classe constam 32 alunos matriculados, no entanto frequentando as aulas conta-se entre 22 e 28 alunos presentes na sala de aula, numa faixa etária entre 15 e 17 anos. No primeiro momento apresentaram-se tímidos, porém ao decorrer dos minutos iniciais apresentaram-se comunicativos, o espaço físico da sala é amplo e o que não me passou despercebido é que eles se aglomeram por grupos. É uma turma onde alguns não assistiram à primeira aula dizendo que não assistiriam à aula de História, pois é uma aula muito “chata” e pediram para que seus colegas assinassem a frequência. No entanto, esses mesmos alunos movidos pela curiosidade assistiram as aulas posteriores e participaram.



Foto 02: Alunos e Alunas da Escola na primeira aula.

Fonte: Arquivo da autora, Thaís Silva Araújo, (2013).

4 A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA SALA DE AULA E O ENSINO DE HISTÓRIA

O Estágio Supervisionado é um dos momentos da formação que possibilita uma interação mais próxima, possibilitando-lhe reflexões a respeito da mesma. O docente, ali na condição de formando, desacomoda-se dos ritos e práticas rotineiras e através do exercício da observação e da análise crítica do próprio cotidiano.

Antes do início do Estágio, nossa turma foi orientada a se dirigir a escola campo para termos o primeiro encontro com as professoras regentes da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Profº José Soares de Carvalho, as quais já tinham sido informadas sobre a nossa ida com antecedência. Esse primeiro momento ocorreu no dia 15 de julho de 2013 na referida escola para adquirirmos informações prévias sobre a turma, qual assunto ministrar na sala de aula, tendo também naquele momento a oportunidade de observar o ambiente escolar; a estrutura organizacional do Estágio; reunião com professora na escola; organização do material para regência; observação do campo de estágio a regência e o relatório contendo os planos diários e anexos que contêm as atividades realizadas na sala de aula. Ou seja, um conjunto de atividades que compõe a prática pedagógica do Estágio. Fui designada a estagiar no 1ºAno “E” vespertino do Ensino Médio e, as aulas sendo ministradas no segundo horário, ou seja, das 13: 45min às 14: 30min, o tema das próximas aulas foi a Roma Antiga.

No dia 17 de agosto do referido ano deu-se início ao Estágio propriamente dito, cheguei cedo à referida escola me possibilitando-me, assim uma melhor observação do ambiente escolar e o seu cotidiano e, não apenas ao espaço dentro da sala de aula. Sentei em uma das mesas que ficam disponibilizadas no pátio e naqueles minutos que se transcorreram focalizei o ambiente escolar percebendo e como ele vai se constituindo, a partir de um pluralismo de comportamentos, vestimentas, expressões e atitudes, ou seja, indivíduos que se coordenam entre si e constitui-se como um todo. Daí minhas ansiedades e meus medos foram passando e pensei comigo mesma vai dar certo, pois, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 23). Ao entrar na sala de aula me apresentei aos alunos e as alunas pedindo para que cada um/uma fizesse o mesmo, concluídas as apresentações iniciais, sugeri aos alunos e alunas que escrevessem em

um papel sugestões de como eles/elas gostariam que fossem ministradas as aulas, pois como ressalta Freire (1996, p.23):

Não existe docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

Por isso, fiquei feliz de como diversas sugestões foram entregues, talvez essas sugestões não tivessem chegado até a mim caso eu pedisse as sugestões oralmente.

O conteúdo de Roma Antiga é um tema extenso e muito interessante de ser discutido, por isso, comecei então uma introdução ao tema, de como o conteúdo seria trabalhado, levando em consideração as sugestões entregues por eles/elas. Nessa aula utilizei um texto complementar como base para a discussão em sala de aula. ²

A prática educativa é uma experiência ampla que nos permite a oportunidade de compartilhar experiências.

O segundo encontro ocorreu no dia 24 de julho e antes de ministrar a aula, fiz uma pequena análise sobre as sugestões dadas na aula anterior e algumas delas foram: filmes, slides, seminário e, que o conteúdo fosse apresentado de forma a esclarecer as dúvidas que surgissem ao longo das aulas.

Sei que a experiência docente nos possibilita novos discursos, embora por vezes a prática educativa esteja sujeita a limitações, no entanto é perceptível que:

Os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax, que são veículos de informação, de comunicação, de aprendizagem, de lazer, porque a tempos o professor e o livro didático deixaram de ser únicas fontes de conhecimento (LIBÂNEO, 2001, p.40).

No início da aula fiz algumas considerações ao tema: “Roma Antiga: República” que por ser um tema abrangente, dividi em duas partes possibilitando melhor discussão sobre o assunto, a abordagem sobre este conteúdo foi dividido em duas aulas para um melhor aproveitamento do conteúdo ministrado, novamente fiz uso de um texto complementar³ para a abordagem do assunto; o livro didático foi utilizado apenas para discutir alguns trechos do

² Resumo sobre Roma Antiga, retirado do livro: CONTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral*. Volume I. 1ª Ed. São Paulo – Saraiva 2010.

³ Resumo sobre Roma construído, a partir da pesquisa no site: www.historianet.com.br

assunto ministrado; o que me permitiu perceber que a maioria dos alunos e alunas não levam o livro didático para a escola. O livro de História adotado pela escola é História global: Brasil e geral⁴ de Gilberto Cotrim. Já os recursos metodológicos utilizados durante a aula foram: texto complementar sobre patrícios e plebeus, quadro branco para questão escrita. Ao se trabalhar o tema sobre a República em Roma na sala de aula, meu principal objetivo foi possibilitar aos alunos e alunas compreender que grandes feitos elaborados e discutidos por essa civilização refletem no nosso modelo social contemporâneo nos diferentes aspectos como, os fundamentos do Direito romano, no Direito contemporâneo, a origem da língua portuguesa que veio do Latim (idioma falado pelos romanos) e algumas reflexões a respeito da persistência da política do “pão e circo”, de uma política (oficial ou não) de entretenimento das massas e seus reflexos na sociedade brasileira.

A terceira aula aconteceu no dia 31 de julho de 2013 dando continuidade a aula anterior, sobre a República Romana. Como tinha sido sugerido na primeira aula o documentário, trouxe para sala de aula um panorama sobre a Roma Antiga (Grandes Civilizações – Império Romano⁵), numa linguagem dinâmica de fácil compreensão e entendimento. Esta projeção possibilitou uma melhor assimilação do conteúdo, através um percurso pela Monarquia, República e Império. Após a exibição e alguns questionamentos, ao observar a turma percebi que a minha responsabilidade em aceitar o que foi sugerido por eles e elas, fez com que o meu envolvimento com a prática educativa, possibilitasse uma melhor interação dos alunos(as) com a temática, ficando assim perceptível que ao nos empenharmos por aulas melhores e mais dinâmicas, atraímos melhor a atenção dos alunos, fazendo com que o aprendizado seja desenvolvido de uma melhor forma, pois como nos diz FREIRE: “sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las” (FREIRE,1996, p.52)

⁴COTRIM, Gilberto. História global: Brasil e geral: volume 1/ São Paulo: Saraiva 2010.

⁵ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=iqUna8YLrbY> 21min. Produção: Federico Badia e Ernesto Soto (2009).



Foto 03: Documentário sobre a fundação de Roma
Fonte: Arquivo da autora, Thaís Silva Araújo, (2013).

Antes do término da aula discutiu-se de como transcorreria o nosso próximo encontro, que seria realizado uma discussão através de uma pesquisa realizada extraclasse ficando preestabelecido da seguinte forma: dividir a turma em equipes para darmos início às discussões sobre o Império Romano, com os seguintes tópicos: Pão e circo: o espetáculo e as Dinastias dos Imperadores. Ao fim da aula recebi elogios da professora responsável por acompanhar minhas aulas durante a regência com relação ao documentário e logo me comprometi a lhe disponibilizar uma cópia, ela comentou que gostou do documentário, pois em poucos minutos faz uma considerável apresentação sobre a Roma Antiga.

No quarto encontro no dia 07 de agosto realizamos o nosso penúltimo encontro, nesta aula me vi frustrada! Pois a atividade sugerida na aula anterior foi realizada apenas por uma equipe (uma pesquisa extraclasse) – o grupo apresentou o tópico que lhe foi sugerido, a discussão foi sobre a Dinastia Júlio –Claudiana (27 a.C. - 68 d.C.). No entanto, embora frustrante para mim, eu tinha me preparado anteriormente caso tal situação viesse a acontecer, preparando planos de aulas com determinada flexibilidade, ou seja, segundo Pimenta (2011, p. 178):

Flexibilidade é diferente da aula que não tem rumo e que fica ao sabor do que possa acontecer. Mesmo para o caso de mudança de trajeto dos estudos decorrente de algum motivo superior, é preciso, segundo os alunos, saber de onde estamos partindo.

Antecipadamente no aspecto de que, caso fosse necessário uma intervenção no conteúdo não causasse um distanciamento relacionado às aulas anteriores. Depois de uma abordagem de como transcorreria a aula, uma discussão sobre os temas, sugeri que as mesmas equipes se reunissem para fazermos umas abordagens sobre diversos tópicos da Roma Antiga, tais como: a crise do império romano, o politeísmo, o surgimento do cristianismo e as perseguições aos cristãos. Nessa nova discussão a equipe que apresentou a temática da aula anterior apenas praticou a escuta, o resultado da atividade proposta e realizada foi satisfatório, cada equipe fez uma breve análise do que tinham aprendido sobre o tópico que lhe foi dado; eram temas abordados nas aulas anteriores, sugeri ainda que cada equipe logo após suas análises e concepções individuais, fosse elaborada uma única opinião para a equipe sobre o seu tópico apresentado e, que me foram entregues ao término da aula.

O objetivo de cada aula é apresentar o conteúdo de maneira que, desperte no aluno e na aluna o interesse pelos diferentes formas de origens, cultura e organização da sociedade romana. Embora situações diversas venham a surgir em sala de aula, devo ficar atenta para que, a minha autoridade como educadora não seja confundida com autoritarismo, vejo como uma das principais características da docência é ser facilitadora da aprendizagem possibilitando ao aluno e a aluna assimilar um conteúdo novo a um conhecimento que já traz consigo, ensinar História é uma tarefa desafiadora.

Nada interessa tanto a um aluno quanto 'ele mesmo' e, por esse motivo, o centro de seu interesse sempre se volta para sua vida e para as coisas que gosta. Por isso, é essencial que o professor busque sempre associar o que pretende ensinar ao universo da vida de seus alunos. Toda lição de História deve ser associada ao cotidiano do aluno, aos programas que assiste, às suas conversas. (SELBACH, 2010, p. 31).

A disciplina História, muitas vezes é vista pelos alunos e alunas como: uma disciplina de aulas consideradas “chatas” e enfadonhas que apresenta “verdades” estabelecidas, ditas como “absolutas” num processo onde, um apenas ensina o outro apenas aprende. É o que denominamos de história tradicionalista, segundo Burke (1992, p. 12)

A história tradicional oferece uma visão de cima, no sentido de que tem sempre se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos. Ao resto da humanidade foi destinado um papel secundário no drama da história.

A história tradicional denomina-se como objetiva refere-se à história política, pensa na história como narração dos grandes fatos. A “nova história” preocupa-se em analisar todas as estruturas da atividade humana, “o que era imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço” (BURKE, 1992, p.11)

No dia 14 de agosto foi o meu último encontro com a turma, quando cheguei à sala fiz alguns comentários sobre as aulas anteriores e, de como seria esse nosso encontro, nesta aula foi apresentado o conteúdo sobre as “Dinastias romanas” que foram abordadas trazendo questionamentos sobre alguns imperadores, no entanto, não foi possível assistir o vídeo que seria apresentado logo após a nossa discussões sobre a aula (devido a um problema técnico com o áudio) e, com isso o percurso da aula foi modificado, passamos então a uma discussão sobre os temas abordados até então e o que cada aluno(a) aprendeu, deixei um espaço aberto para críticas e elogios sobre a minha prática docente para com eles/elas e alguns deram a sua opinião sobre os fatos acontecidos nas ultimas semanas. Um dos principais comentários que ouvi durante o Estágio foi sobre “ter ensinado de uma forma interessante o conteúdo e não fez com quem as aulas fossem chatas”.

Na minha concepção, quando um aluno ou aluna faz uma análise, a partir da prática de ensino fica perceptível que, o discente não está apenas como meros receptores de uma história tradicionalista ele/ela quer interagir, discutir os “tantos” e “porquês?”. A metodologia tradicional por vezes cala e o obriga tão somente a reconhecer os fatos tal qual esta inserido no livro didático. Observamos como afirma Celso dos Santos Vasconcellos que: “É normal conviverem elementos da nova concepção com práticas arcaicas. Há que se levar em conta que é preciso fazer o novo, mas o novo, por sua vez, não surge do nada: faz-se a partir do velho” (VASCONCELLOS, 2007 p.143). Ou seja, é importante assimilar conteúdos a partir de um conteúdo existente a novas informações, curiosidades, relacionando o tema abordado com discussões atuais é uma forma de interagir com o aluno e abrir novos espaços.

Ao término da aula agradei a todos e a todas por ter me acolhido bem e me ter proporcionado um momento de novas descobertas, feito meus agradecimentos, distribui com

eles e elas um marcador de páginas e antes do término da aula registramos o momento de nossa despedida.



Foto 04: Modelo do marcador de páginas entregue aos alunos.
Fonte: Arquivo da autora, Thaís Silva Araújo, (2013).

5 OUTRAS PERSPECTIVAS PARA A HISTÓRIA

O ensino de história desde a década de 1990 vem abordando muitas discussões ideológicas e pedagógicas sobre as questões que envolvem os problemas de aprendizagem e a problemática que surge a partir de questionamentos tais como: O que ensinar? Para que ensinar? E como ensinar? Todos esses questionamentos são condições necessárias para a construção do conhecimento histórico, a renovação no ensino de História é uma tarefa extremamente complexa, pois quando centralizamos uma discussão em torno do ensino e aprendizagem de História, sabemos que na maioria das vezes as aulas de História são vistas como enfadonhas e de “decoreba”, o professor apresenta conteúdos prontos com verdade estabelecida, atribuindo os conteúdos prontos numa visão idealizada, construída a partir da memória oficial que exclui e repercute com uma falsa ilusão de cidadania, segundo Selbach (2010, p.84):

Muitas vezes, ao cultivar o ontem no agora, a História constrói falácias e mitos. Aprender História é descobrir que a pátria e seus heróis ‘não estão guardados em santuários intocáveis’, mas cruzam nossos caminhos, muitas vezes, sem que os percebamos.

O ensino da história tradicional supõe um conhecimento neutro, onde a História é colocada como fatos acabados e intocáveis, na maneira que, um só ensina e o outro só aprende, deixando de abordar as relações entre passado e presente não permitindo dúvidas com relação ao passado. Em 1997 os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) trouxe questionamentos sobre o ensino de História e, propõe que é necessária a utilização de novas fontes documentais e, não apenas o uso do livro didático e o calendário cívico como únicas fontes de pesquisa e aprendizagem do discente. Visando o ensino de História sob novas perspectivas os PCNs incentiva que “o ensino de História estabeleça relações entre identidades individuais, sociais e coletivas, entre as quais, as que se constituem como nacionais (PCNs, 1997, p.32)”.

No cotidiano escolar torna-se perceptível as necessidades de se estabelecer novos diálogos para a sala de aula, pois muitas coisas que acontecem na sala de aula influenciam externamente no cotidiano do aluno/a daí a necessidade de ponderar o ponto de vista social e

político, para que esse venha a contribuir na vida profissional e cotidiana dos alunos/as, Bittencourt (2008, p.18)

O ensino de História visa contribuir para a formação de um ‘cidadão crítico’, para que o aluno adquira uma postura crítica em relação à sociedade em que vive. As introduções dos textos oficiais reiteram, com insistência, que o ensino de História, ao estudar as sociedades passadas, tem com objetivo básico fazer o aluno compreender o tempo presente e percebe-se como agente social capaz de transformar a realidade, contribuindo para a construção de uma sociedade democrática.

O professor precisa ter uma percepção mais global de novas possibilidades e necessidades emergenciais, ampliando a construção de conceitos que prioriza a aprendizagem dos alunos a partir de uma perspectiva de espaço e tempo. Possibilitando ao discente e o docente discutir novos significados para a cultura escolar, pois:

O professor é um ser social, constituído e constituinte de seu meio. Como pessoa, age e sofre as ações de sua sociedade: ele constrói e é construído por ela. A sociedade é feita por ele e ele é feito por ela; portanto, o professor é um construtor de cultura e saberes e, ao mesmo tempo, é construído por eles. (GUARNIERI, 2005, p. 25)

Ensinar História não é representar a investigação do discurso, mas integra-las, a partir de experiências de reflexos atuais, utilizando informações que se interligam no cotidiano. Vejamos,

É importante que essa compreensão esteja presente em todos os momentos da ação docente, bem como na reflexão sobre os porquês da profissão, o sentido e a responsabilidade social de ser professor. O estágio é o espaço por excelência onde podemos refletir sobre essas e outras questões alusivas à vida e ao trabalho docente, na sala de aula, na organização escolar e na sociedade. (PIMENTA, 2011. p. 147)

Assim o material didático fica mais rico (críticas aos valores morais, religiosos, sociais e outros), sabendo que numa sala de aula existem comportamentos e percepções diferentes sendo preciso e necessário, considerar o conhecimento prévio dos alunos e a discussão em sala de aula dessas hipóteses pode possibilitar uma melhor compreensão dos conteúdos. Atualmente o cotidiano escolar vem passando por grandes mudanças com relação ao ensino da História tradicionalista, embora, não possamos dizer que o ensino de História está perfeito, no entanto, essa mudança está relacionada a melhores métodos atribuídos a formação do professor, ainda de acordo com Selbach (2010. p.18-19).

O professor informa, mas só ensina quando sabe transformar a informação em conhecimento que transforma o aluno. Assim a verdadeira aprendizagem é processo que começa com o confronto entre a realidade do que sabemos e algo novo que descobrimos ou mesmo uma nova maneira de se encarar a realidade, passando a um conceito novo, consistente e crítico.

O docente utiliza o espaço da sala de aula, para discutir e não apenas lecionar o conteúdo, para que os alunos/as desenvolvam competências e habilidades e, assim as aulas não se tornem repetitivas e cansativas.

Segundo os PCNs o ensino de História deve:

Situar acontecimentos históricos e localizá-los em uma multiplicidade de tempos; reconhecer que o conhecimento histórico, é parte de um conhecimento interdisciplinar; compreender que as histórias individuais são partes integrantes de histórias coletivas. (PCNs DE HISTÓRIA, 1998. p.43).

Sobre o livro didático, o mesmo é utilizado cotidianamente, como principal instrumento de ensino, no entanto, é necessário que o conhecimento também seja adquirido além dele, para tornar suas aulas mais dinâmicas, buscando metodologias além do livro didático, por exemplo, o uso de recursos audiovisuais tais como os documentários e a músicas; tudo isso pode ser incluído nas aulas para torná-las mais dinâmicas, e isso se estabelece como uma dificuldade a ser superada pelo docente, conforme destaca Selbach (2010, p. 35)

Uma dificuldade imensa para o professor de História é perceber esses objetivos em cada aula, em todas as aulas. Não fazendo relato mecânico como uma ‘informação morta’ que o aluno ouve sem perceber sua imediata aplicação e, por isso, rapidamente os esquece.

Nos livros didáticos do Ensino Médio, observei que prevalecem conteúdos com opiniões já então construídas, a conhecida história tradicional, onde o aluno/a recebem questionários, com respostas já então prontas, identificados tais questionários como “preparação para vestibulares”, assim, com conteúdos já prontos e respostas pré-elaboradas, se torna difícil ao aluno/a expor suas opiniões, pois o conteúdo já está pronto, dessa forma, o professor deixa a aula em um método que reprime a opinião do aluno, incentivando os mesmos/as a utilizar o método da “decoreba”. Para a consolidação desse contexto, refletimos sobre as perspectivas de que,

O método tradicional do ensino da disciplina, infelizmente, ainda se mostra 'vivo', simplificando textos, propondo exercícios sem qualquer raciocínio e sem vínculos com o cotidiano do aluno. Cabe então uma construção de conhecimento histórico, no tempo e no espaço, permitindo ao aluno uma visão relacional dos diversos conteúdos e fatos históricos. (SELBACH; 2010. p. 40)

Um trabalho educativo e pedagógico não é apenas levar para sala de aula vários tipos de equipamentos, sem utilizá-los adequadamente, é necessário um planejamento prévio estruturado na busca de construir um aprendizado verdadeiramente significativo. A análise do uso da tecnologia pressupõe a consideração de alguns fatos visando tornar o ensino e a aprendizagem eficiente, o uso das tecnologias não se restringe apenas ao uso sozinho ou isolado, mas também de averiguar as possibilidades de uso, como um recurso didático associado a uma metodologia de potenciais educativos assimilados a recepção e interatividade de múltiplas linguagens, juntamente com a leitura e a escrita propiciando a alunos e alunas percepções diferentes de linguagens e narrativas.

Esta necessidade está relacionada ao repensar o ensino de História, enfatizando que a prática docente não está apenas condicionada ao livro didático, “o ensino se dá por múltiplos caminhos e que a produção de materiais didáticos, de forma descentralizada e vinculada a realidades específicas de aprendizagem, deve ser apoiada e valorizada” (FONSECA, 2010, p.27).

No entanto, é importante ressaltar que, o uso de tecnologias não resolverá todos e quaisquer problemas relacionados à prática do Ensino de História, é necessária uma participação ativa do docente, partindo do princípio que, as diferentes ferramentas tecnológicas não são “neutras” e, assim como o livro didático é uma construção narrativa e trazem consigo conceitos que afetam de diferentes formas os saberes e as experiências dos alunos e alunas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É durante o estágio que nos descobrimos enquanto docentes, e vamos construindo nossa identidade que se constitui durante o processo de formação inicial, de nossa história pessoal e ao ensinar. Apesar das dificuldades que enfrentamos muitas vezes como nos afirma Pimenta (2011, p.65).

Mesmo acreditando em si e na profissão, o estagiário pode esbarrar no contexto, em situações de desgaste, cansaço e desilusão dos profissionais da educação, nas condições objetivas das escolas, muitas vezes invadidas por problemas sociais, cuja solução está longe de sua área de atuação.

A experiência é e será válida, me possibilitou enquanto estagiária, adquirir compromisso profissional, minha identidade profissional vão assimilando características individuais próprias, através das minhas experiências individuais e coletivas, ou seja, como diz Pimenta (2011, p.62),

A identidade do professor é construída ao longo de sua trajetória como profissional do magistério. No entanto, é no processo de sua formação que são consolidadas as opções e intenções da profissão que o curso se propõe a legitimar.

O estágio é um período de preparação, ou seja, o trabalho do estágio me possibilitou algumas habilidades de *ser professora*, não apenas na escola, mais diante de toda sociedade. Cada aula possui características únicas e, no decorrer das aulas ocorre um processo de adaptação, através do reconhecimento sobre qual didática e metodologia se enquadra melhor ao perfil da turma; estagiárias são desconhecidas e estranhas, causando certo desconforto a turma durante o processo de socialização e interação com os indivíduos da sala de aula, depois desse processo são reconhecidas como um indivíduo integrante que, não esta ali para interferir ou atrapalhar o desenvolvimento de cada um, pois “dentro da sala de aula precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala (Freire,1996,p.97)”.

A cada novo encontro uma palavra, um olhar de curiosidade de alunos e alunas me permitiram novos diálogos, novas experiências e ajudar na autonomia do ensino que possibilitando novas perspectivas além do livro didático.

No entanto enfatizo que, não basta apenas trazer a informação, tem que participar levantar questionamentos, despertar o senso crítico de alunos e alunas. É necessário trazer e estabelecer relações entre o seu cotidiano e o tema abordado. Não fiz aqui uma “apologia” para o abandono do livro didático ou do currículo, no entanto vejo que a escola para produzir e transmitir conhecimento precisa abrir-se a novas tecnologias de informação e a novas formas culturais. A experiência adquirida no estágio me possibilitou enquanto docente construir meios e métodos para as futuras dificuldades que venha a surgir no caminho frente à minha prática docente, sendo importante buscar mudanças para as práticas curriculares que muitas vezes são insuficientes, contudo todo educador e/ou educadora deverá esta sempre em construção, pois, necessitamos de revisões permanentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BITTENCOURT, Circe. (org.) *O saber histórico na sala de aula*. 11. ed. –São Paulo: Contexto, 2008.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: história, geografia*. Brasília. Ministério da Educação, 1997.

_____, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: História*. Brasília. Ministério da Educação, 1998.

BURKE, Peter. (org.) *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução Magda Lopes – São Paulo. UNESP, 1992.

CONTRIM, Gilberto. *História global: Brasil e geral*. Volume I. 1ª Ed. São Paulo – Saraiva 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. *Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas*. Revista Brasileira de História. São Paulo. V.31, nº60, p.13-33. 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUARNIERI, Maria Regina. (org.) *Aprendendo a ensinar: o caminho nada suave da docência*. 2. ed. –Campinas, 2005.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas SP. Editora: Unicamp. 1990

LIBÂNIO, José Carlos. *Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente*. 5ed – São Paulo; Cortez, 2001.

PIMENTA, Selma Garrido. *Estágio e docência*. 6. Ed – São Paulo, Cortez 2011.

SELBACH, Simone. (supervisão geral). *História e Didática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. *Para onde vai o Professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação*, 12. ed. São Paulo, Libertad, 2007.

CONSULTA POR MEIO ELETRÔNICO

<http://www.youtube.com/watch?v=ARRPgmU7X7o> Acesso em: 21 de ago. 2013

<http://www.youtube.com/watch?v=iqUna8YLrbY> Acesso em: 21 de ago. 2013

www.historianet.com.br Acesso em: 21 de ago. 2013

APÊNDICE



Apêndice A: Exposição do Documentário sobre Roma (Arquivo pessoal de Thaís Silva Araújo)



Apêndice B: Instalando o data show para a apresentação de imagens sobre o Império Romano
(Arquivo pessoal de Thaís Silva Araújo)



Apêndice C: Os alunos (as) produzindo... (Arquivo pessoal de Thaís Silva Araújo)

Apêndice D: PLANO DE AULA 01

Disciplina: Estágio Supervisionado II

Professora Supervisora: Simone Joaquim Cavalcante

Professoras Estagiárias: Rita de Cássia Maximino Barbosa

Thaís silva Araújo

Série: 1º Ano “E”; Turno: Tarde; Horário: 2º; Data: 17/07/2013

E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB

Professora Regente: Auzicleide

TEMA: ROMA ANTIGA (INTRODUÇÃO)

I – OBJETIVO GERAL:

*Compreender o surgimento da civilização romana e sua ascensão, observando uma síntese dos processos políticos, sociais e econômicos de Roma.

II – CONTEÚDOS:

*O surgimento de Roma e o mito de Rômulo e Remo;

* Os aspectos políticos, sociais e econômicos da civilização romana.

III – OBJETIVOS ESPECIFICOS:

*Conhecer a origem de Roma e os mitos sobre sua criação;

* Descrever os aspectos políticos de Roma;

* Identificar a base econômica e social da sociedade romana.

IV - METODOLOGIA:

*Aula expositiva, introdutória sobre o conteúdo a ser ministrado.

*1º Momento: Apresentação a turma;

*2º Momento: Explicação do surgimento de Roma e os mitos de origem;

*3º Momento: Síntese dos aspectos sociais, políticos e econômicos de Roma.

V – RECURSO DIDÁTICO:

*Texto complementar;

*Quadro branco;

*Livro

VI – AVALIAÇÃO

*Participação dos alunos em sala de aula.

Apêndice E: PLANO DE AULA 02
 Disciplina: Estágio Supervisionado II

Professora Supervisora: Simone Joaquim Cavalcante
 Professoras Estagiárias: Rita de Cássia Maximino Barbosa
 Thaís Silva Araújo

Série: 1º Ano “E”; Turno: Tarde; Horário: 2º; Data: 24/07/2013
 E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB
 Professora Regente: Auzicleide Jacobino
TEMA: ROMA ANTIGA - REPÚBLICA (Parte I)

I – OBJETIVO GERAL:

* Entender os conceitos da República Romana e seu importante papel na distinção social e o cotidiano.

II – CONTEÚDOS:

*Conflitos entre patrícios e plebeus;
 * Expansão territorial e as consequências das conquistas militares.

III – OBJETIVOS ESPECIFICOS:

*Desenvolver o conhecimento prévio do aluno;
 *Descrever os conflitos entre patrícios e plebeus;
 *Perceber e identificar as principais conquistas do processo expansionista e as consequências das conquistas militares.

IV - METODOLOGIA:

*Conversa informativa.

*1º Momento: Apresentação do tema abordado;

*2º Momento: Explicação sobre os conflitos entre patrícios e plebeus e a expansão territorial e as consequências das conquistas militares;

*3º Momento: Discussão sobre o tema abordado.

V – RECURSO DIDÁTICO:

*Conversa informal;
 * Texto complementar;
 *Livro

VI – AVALIAÇÃO

*Participação dos alunos em sala de aula

Apêndice F: PLANO DE AULA 03

Disciplina: Estágio Supervisionado II

Professora Supervisora: Simone Joaquim Cavalcante

Professoras Estagiárias: Rita de Cássia Maximino Barbosa

Thaís Silva Araújo

Série: 1º Ano “E”; Turno: Tarde; Horário: 2º; Data: 31/07/2013

E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB

Professora Regente: Auzicleide

TEMA: ROMA ANTIGA (CRISE DA REPÚBLICA E ASCENSÃO DO IMPÉRIO).

I – OBJETIVO GERAL:

*Entender os processos que levaram a crise da República Romana e o início do Império, percebendo a influência da cultura romana nas sociedades contemporânea.

II – CONTEÚDOS

*Uma república em crise;

*Ascensão do estado imperial

III – OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

*Perceber os aspectos que levaram ao declínio a República Romana;

*Conhecer o apogeu do Império Romano e o Reinado dos imperadores: César e Augusto;

*Identificar os aspectos culturais de Roma que influenciaram a sociedade atual;

IV – METODOLOGIA:

*Aula explicativa com auxílio de um vídeo sobre Roma

*1º Momento: Apresentação e introduções sobre o vídeo;

*2º Momento: Exibição do vídeo

*3º Momento: Retomando os conceitos do vídeo, buscando interagir com os alunos através de questionamentos orais.

V - RECURSO DIDÁTICO:

*vídeo sobre o império romano;

*quadro branco;

*texto complementar.

VI – AVALIAÇÃO:

*Questão elaborada com base no vídeo para entregar na próxima aula.

Apêndice G: PLANO DE AULA 04

Disciplina: Estágio Supervisionado II

Professora Supervisora: Simone Joaquim Cavalcante

Professoras Estagiárias: Rita de Cássia Maximino Barbosa

Thaís Silva Araújo

Série: 1º Ano “E”; Turno: Tarde; Horário: 2º; Data: 07/08/2013

E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB

Professora Regente: Auzicleide Jacobino

TEMA: ROMA ANTIGA (IMPÉRIO)

I – OBJETIVO GERAL:

*Possibilitar aos discentes discussões acerca da crise no império romano e as mudanças de uma sociedade politeísta ao surgimento do cristianismo.

II – CONTEÚDOS:

*Crise no império;

*Do politeísmo ao Deus único cristão; surgimento o cristianismo; perseguições aos cristãos.

III – OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

*Discutir os temas abordados coletivamente a partir do conhecimento prévio de cada discente;

* Descrever e identificar as principais razões da crise do império;

* Estabelecer discussões acerca do politeísmo romano e o surgimento do cristianismo.

IV - METODOLOGIA:

*Conversa informativa.

*1º Momento: Distribuição dos temas por equipes;

*2º Momento: Síntese sobre cada tema;

*3º Momento: Apresentação oral de cada equipe e opinião escrita de cada equipe.

V – RECURSO DIDÁTICO:

*Texto complementar;

*Livro

VI – AVALIAÇÃO

*Participação dos alunos em atividade coletiva realizada na sala de aula.

VII – TEMPO ESTIMADO:

*Aproximadamente 45 min/aula.

Apêndice H: PLANO DE AULA 05

Disciplina: Estágio Supervisionado II

Professora Supervisora: Simone Joaquim Cavalcante

Professoras Estagiárias: Rita de Cássia Maximino Barbosa

Thaís Silva Araújo

Série: 1º Ano “E”; Turno: Tarde; Horário: 2º; Data: 14/08/2013.

E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO – GUARABIRA – PB

Professora Regente: Auzicleide Jacobino

TEMA: ROMA ANTIGA (IMPÉRIO)

I – OBJETIVO GERAL:

*Distinguir os diferentes aspectos das dinastias no império romano.

II – CONTEÚDOS:

*As dinastias; o império de Júlio César;

*Pão e circo: o espetáculo.

III – OBJETIVOS ESPECIFICOS:

*Desenvolver o conhecimento prévio dos discentes;

*Diferenciar as diferentes dinastias e os seus imperadores;

*Conhecer e compreender o significado “pão e circo” e qual a sua representatividade;

IV - METODOLOGIA:

*Aula expositiva.

*1º Momento: Apresentação a turma;

*2º Momento: Explicação sobre as dinastias romanas, e a política de pão e circo;

*3º Momento: Vídeo sobre o imperador romano Júlio César.

V – RECURSO DIDÁTICO:

*Texto complementar;

*Vídeo;

*Livro

VI – AVALIAÇÃO

*Participação dos alunos em sala de aula.

VII – TEMPO ESTIMADO:

*Aproximadamente 45 min./aula

Apêndice I: LEITURA COMPLEMENTAR

E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO
GUARABIRA- PB
ESTAGIÁRIAS: **RITA DE CÁSSIA MAXIMINO BARBOSA**
THAÍS SILVA ARAÚJO
DISCIPLINA: **HISTÓRIA**
PROFESSORA TITULAR: **AUZICLEIDE**
TURMA: **1º ANO E**

1º AULA: INTRODUÇÃO A ROMA ANTIGA

A **civilização romana** deixou uma herança para o Mundo Ocidental que ultrapassa os campos da literatura, arquitetura e direito. De uma pequena aldeia, virou um grande Império (um dos maiores da antiguidade). Conquistando territórios importantes, abriu caminho para seu crescimento e ascensão.

A Política de Roma

- No início era uma monarquia, e durante esse período (753 a.C. a 509 a.C.), teve sete reis. O monarca acumulava os poderes executivo, judicial e religioso. O poder legislativo ficava nas mãos do senado (ou conselho de anciãos) que decidia a aprovar, ou não, as leis criadas pelo rei.
- Com o fim da monarquia, veio a República (509 a.C. a 27 a.C.). Nesse período, o senado ganhou mais poder: cuidavam das finanças públicas, da administração e da política externa. O poder executivo era exercido pelos cônsules.
- O Império começou em 27 a.C. e durou até 476 d.C., os principais nomes deste período foram: Julio César e Augusto. O primeiro, Julio César, tornou-se ditador e foi apoiado pelo exército e pela plebe urbana. Seus feitos e conquistas conquistaram o apoio popular. Porém, os ricos conspiraram e Julio César foi assassinado.

A Economia Romana

Antes era essencialmente agrícola, com base na produção de cereais, vinho, frutos, legumes e criação de gado. A sociedade romana era dividida em cinco grupos sociais: Patrícios, que eram descendentes das primeiras famílias que povoaram Roma. Eram ricos (grandes proprietários de terras) e ocupavam cargos públicos importantes; Plebeus, que formavam a maioria da população.

Eram pequenos comerciantes, artesãos e outros trabalhadores livres, possuindo bem menos direitos que os patrícios; Clientes, estrangeiros ou refugiados pobres que eram dependentes dos patrícios Escravos, em sua maioria prisioneiros de guerra, eram vendidos como mercadoria e não possuíam direitos sociais. Por último, os Libertos. Eram ex-escravos que conseguiram a liberdade. A religião era prática e imediatista: culto aos antepassados, culto dos deuses públicos e crença nos auspícios e prodígios (manifestações de divindades da natureza).

Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiag/roma-antiga.htm> Acesso em: 16 de ago. de 2013

Apêndice J: LEITURA COMPLEMENTAR

E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO

GUARABIRA- PB

ESTAGIÁRIAS: **RITA DE CÁSSIA MAXIMINO BARBOSA**

THAÍS SILVA ARAÚJO

DISCIPLINA: **HISTÓRIA**

PROFESSORA TITULAR: **AUZICLEIDE JACOBINO**

TURMA: **1º ANO “E”**

2º AULA: ROMA ANTIGA - REPÚBLICA (Parte I)

Nos primeiros tempos da república, Roma foi palco de intensos conflitos entre os Patrícios e os Plebeus.

Os plebeus reivindicaram ocupar cargos no Estado, votar no Senado e realizar suas próprias assembleias. Exigiam o fim da escravidão por dívidas, o acesso às terras conquistadas e o direito ao casamento legal com patrícios.

Um dos maiores motivos da tensão era a questão Fundiária. Enquanto os grandes proprietários patrícios acumulavam cada vez mais terras, a plebe rural empobrecia. Muitos plebeus, que foram obrigados a abandonar suas terras para lutar nas guerras de conquistas, ao retornar se viam obrigados a entregar suas terras para pagar dívidas contraídas.

As tensões sociais cresciam e arriscavam degenerar em guerra civil. A plebe se revoltava e, por fim, para manter-se no poder, o patriciado teve de ceder. Várias leis foram aprovadas, garantido os direitos dos plebeus.

A estrutura do poder na República Romana

- **Cônsules:** chefes da República, com mandato de um ano; eram os comandantes do exército e tinham atribuições jurídicas e religiosas.
- **Senado:** composto por 300 senadores, em geral patrícios. Eram eleitos pelos magistrados e seus membros eram vitalícios. Responsabilizavam-se pela elaboração das leis e pelas decisões acerca da política interna e externa.
- **Magistraturas:** responsáveis por funções executivas e judiciárias formadas em geral pelos patrícios.
- **Assembléia Popular:** composta de patrícios e plebeus; destinava-se a votação das leis e era responsável pela eleição dos cônsules.
- **Conselho da Plebe:** composto somente pelos plebeus; elegia os tributos da plebe e era responsável pelas decisões em plebiscitos (decretos do povo).

A expansão das fronteiras romanas

Iniciado durante a República, o expansionismo romano teve basicamente dois objetivos: defender Roma do ataque dos povos vizinhos rivais e assegurar terras necessárias à agricultura e ao pastoreio. As vitórias nas lutas conduziram os romanos a uma ação conquistadora, ou seja, a ação do exército levou à conquista e incorporação de novas regiões a

Roma. Dessa forma, após sucessivas guerras, em um espaço de tempo de cinco séculos, a ação expansionista permitiu que o Império Romano ocupasse boa parte dos continentes europeu, asiático e africano.

O avanço das forças militares romanas colocou o Império em choque com Cartago e Macedônia, potências que nessa época dominavam o Mediterrâneo. As rivalidades entre os cartagineses e os romanos resultaram nas **Guerras Púnicas** (de *puni*, nome pelo qual os cartagineses eram conhecidos).

As Guerras Púnicas desenvolveram-se em três etapas, durante o período de 264 a 146 a.C. Ao terminar a terceira e última fase das Guerras Púnicas, em 146 a.C., Cartago estava destruída. Seus sobreviventes foram vendidos como escravos e o território cartaginês foram transformados em província romana. Com a dominação completa da grande rival, Roma iniciou a expansão pelo Mediterrâneo oriental (leste). Assim, nos dois séculos seguintes, foram conquistados os reinos helenísticos da Macedônia, da Síria e do Egito. No final do século I a.C., o mediterrâneo havia se transformado em um “lago romano” ou, como eles diziam, *Mare Nostrum* (“nosso mar”).

Fonte: <http://www.historialivre.com/antiga/romarep.htm> Acesso em: 18 de ago. de 2013

Apêndice K: LEITURA COMPLEMENTAR

E.E.E.F.M. PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO
GUARABIRA-PB
ESTAGIÁRIAS: RITA DE CÁSSIA MAXIMINO BARBOSA
THAÍS SILVA ARAÚJO
DISCIPLINA: HISTÓRIA
PROFESSORA TITULAR: ALZICLEIDE
TURMA: 1º ANO E

3ª AULA: CRISE DA REPÚBLICA E O APOGEU DO IMPÉRIO ROMANO**Republica: Crise da Republica Romana.**

A expansão romana acabou provocando muitas transformações, que foram responsáveis pela crise da república romana. Dentre essas mudanças, podemos mencionar:

1. O aumento do número de escravos. O crescimento do número de escravos levou ao aparecimento de revoltas feitas por escravos, a exemplo dessas podemos mencionar, a revolta comandada pelo escravo Espartacus.
2. A concentração de terras nas mãos de uma aristocracia.
3. A ruína dos camponeses, pois o trabalho escravo passou a dominar a economia.

Essas transformações desencadearam novas lutas sociais, assinalando a decadência da república romana, e na tentativa de resolvê-las, foram tomadas as seguintes medidas políticas:

1. As reformas de Tibério Graco e Caio Graco (133-121 a.C)

Tibério Graco: Para atender aos interesses do povo e dos homens novos, aprovou a Reforma Agrária, isto é, limitou a extensão das terras dos latifundiários e concedeu terras para os desempregados. Os grandes proprietários ficaram insatisfeitos com as medidas adotadas por Tibério, e este foi assassinado em 132 a.C.

Caio Graco: Ao subir ao poder, retomou o projeto de reforma agrária e criou a Lei Frumentária, que obrigava a venda do trigo a preços baixos a população pobre. As reformas de Caio também se chocaram com os interesses dos grandes proprietários rurais, e este governante foi obrigado a suicidar em 121 a.C.

3. Fim da República: (78-30 a.C)

3.1. Formação do Primeiro Triunvirato: Roma foi dividida entre Crasso, Julio César e Pompeu. Com a morte de Crasso, o poder passou a ser disputado entre César e Pompeu. Pressionado por César e seus aliados, Pompeu fugiu para o Egito, aonde acabou sendo assassinado.

3.2. Ditadura de César: Após a morte de Pompeu, César tornou-se ditador vitalício de Roma. Governou a serviço dos cavaleiros e das camadas populares. As reformas propostas por César desagradaram a aristocracia, pois afetou aos seus interesses econômicos e políticos. Assim, a aristocracia começou a conspirar contra César, que acabou sendo assassinado no Senado em 44 a.C.

3.3. Formação do Segundo Triunvirato: Após a morte de César, Roma foi dividida mais uma vez. Marco Antonio, Otavio e Lépido formaram o Segundo Triunvirato. Esse período foi marcado por uma luta pelo poder entre os triunviratos, da qual o vitorioso foi Otavio, sobrinho de Julio César. Com a concentração dos poderes em Otavio, terminava assim a República e começava o Império.

Império:

O Império Romano foi dividido em duas fases: o Alto império, que assinala o seu apogeu e o Baixo Império, marcado pela fragilidade social e política, que acabou provocando a sua decadência.

Alto Império: Período marcado pelo apogeu do Império, no qual este foi governando pelas seguintes dinastias: Julio Claudiana, Flavios, Antoninos e Severos. Dentre os imperadores, que governaram Roma, vale ressaltar: Otávio, Tibério e Nero.

Fonte: <http://www.brasilecola.com/historiag/crise-romana.htm> Acesso em: 21 de ago. de 2013

Apêndice L: LEITURA COMPLEMENTAR

E.E.E.F.M.PROFESSOR JOSÉ SOARES DE CARVALHO

GUARABIRA-PB

ESTAGIÁRIAS: RITA DE CÁSSIA MAXIMINO BARBOSA

THAÍS SILVA ARAÚJO

DISCIPLINA: HISTÓRIA

PROFESSORA TITULAR: ALZICLEIDE

TURMA: 1º ANO E

5ª AULA: As Dinastias Romanas, o Império de Júlio César e a política do pão e circo.

A POLITICA DO PÃO E CIRCO EM ROMA

A **política do Pão e circo** (*panem et circenses*, no original em Latim) como ficou conhecida, era o modo com o qual os líderes romanos lidavam com a população em geral, para mantê-la fiel à ordem estabelecida e conquistar o seu apoio. Esta frase tem origem na Sátira X do humorista e poeta romano Juvenal (vivo por volta do ano 100 d.C.) e no seu contexto original, criticava a falta de informação do povo romano, que não tinha qualquer interesse em assuntos políticos, e só se preocupava com o alimento e o divertimento.

Com a sua gradual expansão, o Império Romano tornou-se um estado rico, cosmopolita, e sua capital, Roma, tornou-se o centro de praticamente todos os acontecimentos sociais, políticos e culturais na época de seu auge. Isso fez naturalmente com que a cidade se expandisse, com gente vindo das mais diferentes regiões em busca de uma vida melhor. Como acontece até hoje em qualquer parte do mundo, pessoas humildes e de poucas condições financeiras iam se acotovelando nas periferias de Roma, em habitações com conforto mínimo, espaço reduzido, de pouco ou nenhum saneamento básico, e que eram exploradas em empregos de muito trabalho braçal e pouco retorno financeiro.

Esses ingredientes, em qualquer sociedade são perfeitos para detonarem revoltas sociais de grandes dimensões. Para evitar isso, os imperadores optaram por uma solução paliativa, que envolvia a distribuição de cereais, e a promoção de vários eventos para entreter e distrair o povo dos problemas mais sérios na fundação da sociedade romana.

Assim, nos tempos de crise, em especial no tempo do Império, as autoridades acalmavam o povo com a a construção de enormes arenas, nas quais realizavam-se sangrentos espetáculos envolvendo gladiadores, animais ferozes, corridas de bigas, quadrigas, acrobacias, bandas, espetáculos com palhaços, artistas de teatro e corridas de cavalo. Outro costume dos imperadores era a distribuição de cereais mensalmente no Pórtico de Minucius. Basicamente, estes “presentes” ao povo romano garantia que a plebe não morresse de fome e tampouco de aborrecimento. A vantagem de tal prática era que, ao mesmo tempo em que a população ficava contente e apaziguada, a popularidade do imperador entre os mais humildes ficava consolidada.

Para os espetáculos eram reservados aproximadamente 182 dias no ano (para cada dia útil havia um ou dois dias de feriado). Os espetáculos que foram se desenvolvendo em cada uma dessas férias romanas, tinham sua origem na religião. Os romanos nunca deixavam de cumprir as solenidades, porém não mais as compreendiam e os festejos foram deixando de ter um caráter sagrado e passando a saciar somente os prazeres de quem os assistia.

Fonte: <http://www.escolakids.com/dinastias-do-imperio-romano.htm> Acesso em 25 de ago. 2013